

Apresentação**Migrações contemporâneas e diálogos
interculturais no Tempo Presente****Contemporary migrations and intercultural
dialogues in the present time**

Michelle Maria Stakonski Cechinel¹

Gláucia de Oliveira Assis²

¹ Doutora em História (PPGH-UDESC). Professora colaboradora no departamento de História da UDESC. Realiza pesquisa pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH-UFSC), com fomento da FAPESC. Coordena o GT de História da África – ANPUH/SC. Pesquisadora do Observatório das Migrações de Santa Catarina (OBMIGRA-SC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3171014005074964> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5574-6633> E-mail: miimss@gmail.com.

² Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Professora Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socio-Ambiental (PPGPLAN-UDESC) e do Mestrado em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Coordena o Observatório das Migrações de Santa Catarina (OBMIGRA-SC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4753020984250324>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0307-6313>. Email: galssis@gmail.com

O fenômeno migratório acompanha a história das sociedades humanas, configurando-se como um fenômeno social estruturante de comunidades, territórios e identidades. No entanto, é no Tempo Presente – tal como proposto pelo campo historiográfico que se volta à análise crítica do mundo em que vivemos – que as migrações adquirem novos contornos, ampliando sua visibilidade pública e seus impactos políticos, econômicos, sociais e culturais. A intensificação dos deslocamentos humanos, tanto internos quanto transnacionais, sejam de migrantes, refugiados ou deslocados, convoca as ciências humanas e sociais a repensarem categorias, escalas e narrativas, sem perder de vista as dimensões subjetivas e materiais das experiências migratórias.

A oportunidade de apresentar este dossiê coincide com a recente divulgação dos dados do *“Censo Demográfico 2022: Fecundidade e migração: Resultados Preliminares da Amostra”*, apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no dia 27 de junho de 2025, após um hiato de mais de uma década da publicação do censo anterior. Os números preliminares apresentados pelo IBGE tornam ainda mais evidente a relevância do tema das mobilidades internas e dos fluxos de migração internacional que fazem do Brasil lugar de passagem ou acolhida.

As informações do IBGE permitem entrever não apenas as dinâmicas de redistribuição populacional em escala nacional, mas também as inflexões recentes nos fluxos transnacionais que atravessam o país, reafirmando, em escala nacional, o fenômeno que já percebíamos em nossas pesquisas individuais, no último decênio: 1. A intensificação dos fluxos migratórios na direção sul-sul; 2. A inserção do Brasil em novas rotas migratórias internacionais como país de trânsito migratório; 3. A emergência de Santa Catarina como destino migratório no Tempo Presente; 4. A importância das redes migratórias para o recrudescimento de novos destinos e fluxos.

No que tange as mobilidades transnacionais, os dados preliminares do Censo 2022 evidenciam uma inflexão significativa nas origens e composições dos fluxos migratórios internacionais com destino ao Brasil. Em 2010, a população residente nascida no exterior era de 592 mil pessoas; em 2022, esse número superou a marca de 1 milhão, um crescimento de 70,3%, que rompe com a tendência de retração observada desde os anos 1960.

Neste sentido, a América Latina emerge como principal região de origem dos migrantes internacionais no Brasil, com um aumento significativo no número de migrantes de 183 mil para 646 mil pessoas no período. A Venezuela, em especial, tornou-se o país com maior número de residentes, com 272 mil pessoas em 2022, ante apenas 2 mil em 2010. Além da Venezuela, identifica-se, pelos dados, o aumento significativo de migrantes oriundos de países como Bolívia, Paraguai, Argentina, Colômbia e do Caribe, em especial do Haiti. Em contrapartida, observa-se uma retração nos fluxos oriundos da Europa e da América do Norte, tanto em números absolutos quanto relativos. A presença de migrantes europeus caiu de 29,9% para 12,2% no último censo. No caso da América do Norte a queda na taxa de migração foi 20,4% para 7,0%. Esse deslocamento do eixo das migrações que se dirigiam ao Norte Global para o Sul Global inscreve o Brasil em novas cartografias da mobilidade internacional.

No caso das migrações internas, o Brasil segue revelando desigualdades históricas e permanências estruturais, porém os fluxos de migração interna apresentam significativas modificações. Segundo os dados do Censo 2022, cerca de 19,2 milhões de brasileiros residem fora da região onde nasceram. Dentre estas, a maioria (10,4 milhões) é originária do Nordeste. Destaca-se que 65,5% desses migrantes nordestinos fixaram-se no Sudeste. Paradoxalmente, as regiões Nordeste (96,6%) e Sul (91,9%) são as que mais retêm populações nativas, ao passo que o Centro-Oeste apresenta o menor índice de retenção (73,4). A Região Sul, por

sua vez, aparece com o maior saldo migratório regional no período de 2017 a 2022, com ganho de 362 mil pessoas, movimento que inclui tanto migrantes internos quanto internacionais. Santa Catarina destaca-se nesse processo, com a maior taxa líquida de migração do país (4,66%), ultrapassando São Paulo – que, pela primeira vez desde 1991, apresenta saldo negativo de – 90 mil pessoas. Nesse cenário, a ascensão de Santa Catarina como destino migratório privilegiado sinaliza a emergência de novas centralidades regionais que devem ser pesquisadas. Estes dados ilustram transformações importantes nas dinâmicas populacionais brasileiras.

É na esteira dessa discussão que o dossiê que ora apresentamos se localiza. Os artigos aqui publicados visam articular escalas locais, regionais e globais de observação – num diálogo interdisciplinar da história com a geografia, antropologia e demografia, recorrendo a fontes como dados estatísticos e/ou a da escuta qualificada dos sujeitos migrantes. Ao mobilizar abordagens interdisciplinares e interseccionais, os textos abordam temas importantes para a compreensão dos estudos migratórios, como redes de apoio; religiosidade; infância; empreendedorismo; políticas públicas destinadas ao acolhimento de sujeitos em situação de deslocamento e dinâmicas de construção de identidade. O ponto de partida comum, entre todos os artigos, é a compreensão de que migrar é mais do que mover-se no espaço físico: é viver múltiplas pertencas, enfrentar fronteiras visíveis e invisíveis, produzir sentidos e negociar pertencimentos.

O artigo *“Circuitos invisíveis do trabalho doméstico”*, dos pesquisadores Guélmer Júnior Almeida de Faria e Andréa Maria Narciso Rocha de Paula, analisa as migrações internas femininas no Norte de Minas Gerais, revelando como mulheres constroem estratégias de mobilidade através de redes de parentesco e vizinhança. Essas trajetórias, geralmente ausentes das estatísticas oficiais, se constituem como formas de resistência e de reconfiguração da vida cotidiana. Em

diálogo com esse texto, o trabalho *"Migração no tempo presente: venezuelanas em Florianópolis, Santa Catarina"* sobre a migração de venezuelanas em Florianópolis – proposto pelas pesquisadoras Carolina do Amarante e Mariurka Maturell Ruiz – aborda a presença crescente de migrantes latino-americanas no Sul do Brasil, tema que ganha ainda mais relevo à luz dos dados recentes do censo, que reafirma o crescimento de 198 mil venezuelanos no país apenas entre 2017 e 2022.

Por sua vez, o artigo *"Tensões religiosas e reconfigurações do Islã entre migrantes ganeses no sul do Brasil"* – das pesquisadoras proponentes deste dossiê, Michelle Maria Stakonski Cechinel e Gláucia de Oliveira Assis – analisa, com base em pesquisa de campo realizada em uma cidade do sul Santa Catarina, as tensões entre migrantes africanos ganeses pertencentes a diferentes confrarias islâmicas, no caso *Ahl al Sunnah* e os *Tijaniyyah*. O estudo revela que a migração não apenas implica mobilidade física, mas ativa processos complexos de reconstrução de pertencimento, evidenciando a natureza dinâmica da religiosidade em contextos transnacionais.

Outro aspecto central discutido neste dossiê é a dimensão da infância, presente na pesquisa de Verônica Regina Muller, *"Migrações e sofrimento das crianças"*, que propõe uma reflexão ética e pedagógica sobre as condições de vida de crianças migrantes, cujas experiências de sofrimento muitas vezes escapam aos registros institucionais. A autora convoca a educação social como campo de intervenção capaz de transformar realidades marcadas por violências simbólicas e estruturais.

A esse conjunto se soma o texto *"Migrações internas no Brasil: uma breve retrospectiva"*, de Tafarel Cassaniga, que revisita os fluxos migratórios inter-regionais desde o século XIX, com especial atenção às dinâmicas contemporâneas. Em sintonia com os dados do censo anterior do IBGE, o autor

destaca os movimentos de retorno, e o papel das redes familiares nas decisões migratórias.

Por fim, o artigo *“Futuro é uma coisa de Deus”*, dos pesquisadores Rosmari Cazarotto e Daniel Granada, analisa como migrantes internacionais reformulam seus projetos de vida em Lajeado, Rio Grande do Sul, cidade que concentra trabalhadores de diferentes nacionalidades em setores agroindustriais. Ao discutir o empreendedorismo como alternativa à precarização laboral, o texto contribui para a compreensão da migração como agência e produção de novas territorialidades.

Ao reunir essas contribuições, este dossiê pretende oferecer não apenas uma cartografia crítica dos fluxos migratórios contemporâneos, mas também um repertório analítico e metodológico comprometido com a escuta dos sujeitos migrantes. Ao invés de apenas mapear números e deslocamentos, os artigos aqui apresentados propõem-se a compreender os sentidos, os conflitos e os afetos que atravessam as experiências de mobilidade no tempo presente.

Neste momento em que o Brasil retoma o mapeamento de sua população após mais de uma década, os dados e as análises aqui reunidos apontam para a centralidade das migrações nas disputas por cidadania, reconhecimento e justiça social. Em meio a deslocamentos forçados, reconfigurações territoriais e crises humanitárias, a migração se afirma como fenômeno vital para (re)pensar o mundo contemporâneo.

MIGRAR É UM DIREITO HUMANO!

Desejamos uma boa leitura!

Michelle Maria Stakonski Cechinel

Gláucia de Oliveira Assis